

# O EXÍLIO TRATADO ENQUANTO FENÔMENO MÚLTIPLO: A EXPERIÊNCIA NA VIDA E OBRA DE PAULO FREIRE

## THE EXILED TREATED AS A MULTIPLE PHENOMENON: THE EXPERIENCE IN THE LIFE AND PRODUCTION OF PAULO FREIRE

PHILIPPE CHAVES GUEDON <sup>1\*</sup>

Doutorando em História, Política e Bens Culturais no CPDOC/FGV. Bolsista CAPES. E-mail:

[Philippe\\_guedon@hotmail.com](mailto:Philippe_guedon@hotmail.com).

**Resumo:** No século XX, o continente americano sofreu as marcas do período autoritário. Diante disso, uma das estratégias repressivas foi a retirada de solo nacional de “potenciais perigos” representados por indivíduos combativos ou críticos aos regimes instalados. No Brasil, um dos expoentes da educação brasileira teve esse destino, Paulo Freire. O presente artigo objetiva reconstituir a trajetória do referido autor no período exilado e, além disso, demonstrar as inflexões causadas pelo trauma em sua vida e obra. Para isso, utiliza-se de entrevistas do próprio autor, de familiares e também de referências ao período em seus livros. De modo geral, busca-se demonstrar que o exílio é uma experiência coletiva, vivida também pelos familiares, e produz efeitos substanciais nas formas de ver o mundo, tanto em aspectos pessoais como no exercício profissional.

**Palavras-chaves:** exílio; Paulo Freire; ditaduras militares.

**Abstract:** In the twentieth century, the American continent suffered the marks of the authoritarian period. Thus, one of the repressive strategies was the withdrawal of national soil from "potential dangers" represented by combative or critical individuals to the regimes installed. In Brazil, one of the exponents of Brazilian education had this destiny, Paulo Freire. This article aims to reconstruct the trajectory of the author in the exiled period and, moreover, to demonstrate the inflections caused by the trauma in his life and work. For this, uses of interviews of the own author, of relatives and also of references to the period in its books. In general, it seeks to demonstrate that exile is a collective experience, also experienced by family members, and produces substantial effects on the ways of seeing the world, both in personal and professional aspects.

**Key-words:** exiled; Paulo Freire; military dictatorship.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 19 de abril de 2019 e aprovado para publicação em 29 de julho de 2019.

\* Doutorando em História, Política e Bens Culturais no CPDOC/FGV. Bolsista CAPES. (E-mail: [philippe\\_guedon@hotmail.com](mailto:philippe_guedon@hotmail.com))

## Introdução

Em “La riesgosa navegación del escritor exilado”, Ángel Rama<sup>2</sup> anuncia que o exílio não é uma invenção recente na América Latina, tendo em vista que em toda a história, independente do século e tempo, a história política latino-americana tem como marcas o deslocamento obrigatório de intelectuais e de políticos para países vizinhos ou para a Europa, uma vez que a acolhida em suas próprias nações se tornava inviável (p.235).

Contudo, o século XX demonstra um sentido diferente daquele que outrora era destinado ao conceito – e conseqüentemente, a prática. Roniger<sup>3</sup> argumenta que até o século XX o mecanismo era utilizado de forma a assegurar o ostracismo às classes mais privilegiadas, em um sentido de diminuir os custos de tensão política intra-elites.. É o processo que Roniger chama de massificação do exílio; conformado no sentido de manter o status quo e impedir mudanças estruturais de sociedade.

Na América Latina, o uso dentro dos regimes autoritários deveu-se, sobretudo, como forma de garantir a dominação de certos grupos em detrimento de outros, estes relegados a exclusão do processo político institucional. No século XX, mais especificamente, as ditaduras militares do Cone-Sul utilizaram recorrentemente dessa prática. Em números, é habitual consenso na literatura especializada que a ditadura brasileira utilizou de modo menos frequente que outros países na região, sobretudo Argentina, Chile e Uruguai. Cruz<sup>4</sup> faz referência a dois milhões de argentinos, um milhão de chilenos, quinhentos mil uruguaios e entre cinco e dez mil brasileiros. Ainda que não seja possível verificar empiricamente o fenômeno, de maneira precisa, a diferença mostra-se significativa.

O fenômeno no Brasil, de modo específico, foi representado pela estratégia do grupo militar instalado no poder de fazer repressão política. Apoiado ou não pela sociedade civil – discussão empreendida por Rollemberg<sup>5</sup> - o fato é que brasileiros foram obrigados a sair do seu próprio país, levando consigo suas experiências, suas memórias, por vezes a família, e tudo aquilo que conseguira levar de bens materiais. Deveriam, a partir deste momento, reconstruir sua trajetória, e daqueles que vão consigo, em um país que não é o seu local natal; gerando

---

<sup>2</sup> RAMA, Ángel. *La riesgosa navegación del escritor exiliado*. Montevideo: Arca, 1995.

<sup>3</sup> RONIGER, Luis. *Exílio Massivo, Inclusão e Exclusão Política no Século XX*. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 53, no 1, pp. 91 a 123, 2010.

<sup>4</sup> CRUZ, Fábio Lucas da. *A história e as memórias do exílio brasileiro*. Revista Catarinense de História, Florianópolis, n.20, p.115-137, 2012.

<sup>5</sup> ROLLEMBERG, Denise. “Memórias no exílio, memórias do exílio”. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (Orgs.). *As Esquerdas no Brasil. Revolução e democracia (1964...)*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

experiências futuras múltiplas, a depender do caso, envolvendo as questões do trauma, da saúde, adaptação e quaisquer outras envolvidas neste processo de mudança.

Diante do exposto, o presente ensaio trabalha as experiências vividas por Paulo Freire, intelectual e educador brasileiro, durante seu período de exílio, que se iniciou ainda em 1964 e teve fim em 1979 com a anistia. As formas de aproximação das experiências vividas por Paulo Freire são entrevistas dadas no período de exílio e posterior, livros publicados com referências ao período de desterro e também entrevistas de familiares sobre o exílio.

O presente ensaio está dividido em quatro seções, além desta e da conclusão: i) trajetória pessoal e intelectual até do exílio; ii) recepção e adaptação distante de “casa”; iii) percepções dos familiares acerca das novas realidades; iv) peso do exílio na conformação da obra intelectual de Paulo Freire; e considerações finais.

### **Trajетória pessoal e intelectual de Paulo Reglus Neves Freire de 1921 a 1964<sup>6</sup>**

Filho de Joaquim Temístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire, Tenente da Polícia Militar de Pernambuco e do lar, respectivamente, Paulo Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921 em Recife. Nasceu em ambiente familiar não abastado, com a família tendo dificuldades financeiras. A situação se agrava, segundo ele, quando o seu pai falece quando Freire ainda tinha 13 anos.

Pela necessidade de ajudar a família, Freire inicia sua atividade docente ainda jovem, aos 20 anos, como professor na própria escola na qual estudava, o Colégio Osvaldo Cruz. Segundo ele, em entrevista, foi uma forma de ajudar a família a passar pelas dificuldades financeiras e sacrificar menos os outros familiares, mas também de satisfazer uma paixão, um gosto intelectual em ensinar, mas sobretudo pela gramática. Assim, afirma que foi tornando-se professor.<sup>7</sup>

Em 1943 inicia sua trajetória acadêmica universitária, ingressando na Faculdade de Direito do Recife, que cursa de modo concomitante com a atividade docente. Após formado, assume a Diretoria da Divisão de Educação e Cultura do Sesi<sup>8</sup> (PE). Freire explica que, a despeito da função de fazer política para a classe dominante, foi nesta função que aprendeu a

---

<sup>6</sup> Ano do golpe militar no Brasil, período que dá início ao exílio de Paulo Freire.

<sup>7</sup> Entrevista dada ao Jornal dos Professores e publicada em 1991, reeditada pelo SINPRO-SP (Sindicato dos Professores de São Paulo) nos anos 2000. O acesso a entrevista pode ser feito em: (<http://revistagiz.sinprosp.org.br/?p=1749>) Acesso em 23/11/2017.

<sup>8</sup> Serviço Social da Indústria, o Sesi, recém-criado pela Confederação Nacional Indústria e instituído por decreto presidencial.

se relacionar com a classe trabalhadora, seja urbana ou rural.<sup>9</sup> É desse momento, para ele, o seu início enquanto pedagogo ou pensador da prática educativa.

A inserção na educação superior enquanto professor é de 1952, quando é nomeado professor catedrático da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Recife, mantendo ainda os cargos do Sesi, de diretor superintendente e depois de diretor geral. Em 1961 é conferido o título de Livre Docente da Faculdade de Belas Artes e, logo após, em 1962 cria o Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade de Pernambuco.

Nessa esteira de criar um movimento de aproximação da universidade para com a sociedade em ampla escala, em 1963 empreende a ida a Angicos (RN). Nesta região desenvolve trabalho de alfabetização de 300 trabalhadores, cortadores de cana, em 45 dias. Demonstra, assim, a eficiência do método freireano de educação. Diante do sucesso do programa de alfabetização, João Goulart, então presidente do Brasil, busca aproximação de forma a expandir as experiências de Freire pelo Brasil, aprovando o “Plano Nacional de Alfabetização”, que tinha como missão a formação de educadores de massa e implementação de vinte mil núcleos, chamados de Círculos de Cultura.<sup>10</sup>

O golpe militar, dado no dia primeiro de abril de 1964, modificou os rumos de Freire e, conseqüentemente, de seu projeto educacional e de sociedade. O regime põe fim ao projeto de Freire e reprime fortemente os envolvidos.

O sentido de tal ação repressiva do Estado brasileiro, à época, é pelo pressuposto da educação freireana de entender a educação como um ato político. A educação deveria ser, portanto, crítica, de forma a garantir que o indivíduo exerça a potencialidade de transformação da sociedade a partir de uma avaliação, também crítica, da realidade em que estava inserido.

É central entender, portanto, que as bases educativas de Paulo Freire chocavam sobremaneira com a ideologia do regime militar que se instalava. O primeiro passo de reação do regime militar à sua estratégia de educação foi o fim do Plano Nacional de Alfabetização. Após menos de 6 meses de implementação, e apenas treze dias após o golpe militar, Ranieri Mazzili, presidente em exercício, decide pôr fim ao projeto, afirmando que o Brasil necessitava:

“[...] reestruturar o Planejamento para a eliminação do analfabetismo no País; considerando ainda que o material a ser empregado na Alfabetização da População Nacional deverá veicular ideias nitidamente democráticas e preservar as instituições e tradições de nosso povo” (Decreto nº53.886, de 14 de abril de 1964)

---

<sup>9</sup> Declaração também feita em entrevista dada ao Jornal dos Professores e publicada em 1991, reeditada pelo SINPRO-SP (Sindicato dos Professores de São Paulo) nos anos 2000

<sup>10</sup> GADOTTI, Moacir; ABRÃO, Paulo (org.). *Paulo Freire: anistiado político brasileiro*. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, Brasília/São Paulo, 2012.

No mês seguinte foi preso acusado de subversão e ficou 75 dias em uma cadeia do quartel de Olinda. A denúncia referia-se à experiência de Angicos (RN), feita no ano anterior, tida como subversiva e de orientações comunistas.

Após sua soltura, restou-lhe a decisão de sair do país ou manter-se diante do regime de exceção. Diante disso, Freire<sup>11</sup> rememora que teve dificuldade para admitir que a saída do país seria a solução para a repressão sofrida. Conta que, apesar dos incentivos da família e de amigos, teve certa relutância:

“[...] nesse momento recusava a ideia de deixar o País. A Elza, muito mais realisticamente, já achava que eu devia sair do Brasil. Depois é que eu descobri que não havia condições de ficar mesmo. Quando cheguei ao Rio, vários amigos me sugeriram que saísse, e foi no mesmo dia que me decidi e pedi asilo na embaixada da Bolívia (FREIRE e GUIMARÃES, 1987, p. 68).

A trajetória de construção de uma educação popular pautada na emancipação dos educandos foi, então, razão para perseguição a decisão pelo exílio. Nos dizeres de Hésio Cordeiro, ex-reitor da UERJ, no jornal O Dia, em 1991:

Na década de 60, a educação revolucionária de adultos no Recife realizada por Paulo Freire e a educação igualmente revolucionária da Universidade de Brasília idealizada por Darcy Ribeiro os levaram a ser expulsos do país. Razão: educavam. Colocavam educação e conscientização juntas, como deve ser (O Dia, 26 jun. 1991, p. 17).

No mesmo sentido, o próprio Freire alude a uma anedota que perpassou sua trajetória. Ao ser preso, um dos oficiais responsáveis pelo quartel, sabendo da condição de Freire como professor e tendo algum conhecimento acerca dos trabalhos com adultos questionou se Freire poderia colocar-se a alfabetizar recrutas analfabetos. Em resposta, Freire explicou que era essa a razão de sua prisão: alfabetizar.<sup>12</sup>

Portanto, importa saber, ao recompor sua trajetória até o exílio, que o projeto educacional de Freire foi perseguido, mas não só. A pessoa, a família e aqueles que trabalhavam junto a ele também fora. Restou-lhe, o pedido de exílio na Bolívia, país em que ficou pouco tempo, apenas quinze dias, e posteriormente no Chile, local onde se instalou por quatro anos e meio.

---

<sup>11</sup> FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sergio. *Aprendendo com a própria história*. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1997.

<sup>12</sup> Anedota encontrada no livro: GADOTTI, Moacir; ABRÃO, Paulo (org.). *Paulo Freire: anistiado político brasileiro*. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, Brasília/São Paulo, 2012.

## O Chile como “lugar de empréstimo”: recepção e adaptação frente a uma nova realidade

No livro “Por uma pedagogia da pergunta”, Freire e Faundez dialogam sobre a vida no exílio. Em um desses diálogos, Freire relembra uma conversa com Álvaro Vieira Pinto, filósofo brasileiro, em Santiago. Nessa conversa, em tom de tristeza, Álvaro havia dito: “Paulo, o exilado vive uma realidade de empréstimo”. É, a partir dessa concepção de empréstimo que Freire observa, neste livro, a questão do exílio.

Para ele, estar neste novo local, Santiago, representaria viver

“[...] a tensão permanente, radicalmente existencial, histórica, entre o contexto de origem, deixado para lá, e o contexto novo, de empréstimo, que o exilado ou exilada começa a ter, na saudade do seu contexto, não um afogamento anestesiador de seu presente, mas uma chama que ilumina o necessário implante na nova realidade”(FREIRE e FAUNDEZ, 1985)

Neste mesmo livro, Freire narra que a chegada ao novo país representou sentimentos contraditórios: alívio e tristeza. O primeiro estaria relacionado a sensação de segurança que estava dada a partir da distância da repressão; o segundo, estaria relacionado ao corte dramático de trajetória que se faz presente no momento do exílio.

De forma a minorar os impactos negativos na chegada em outro país, se fazia necessário pensar a escolha do novo local de moradia. E por isso, a escolha do Chile não foi por acaso. Cristão como era Freire, animava-se com a subida da democracia cristã ao poder no país. Na verdade, fazia parte de um movimento também coletivo de partida ao Chile empreendida por boa parte da esquerda intelectual impelida ao exílio, a fim de experimentar aquilo que muitos viam como a terceira via para a América Latina.<sup>13</sup> Segundo Rollemberg<sup>14</sup>, não só as esquerdas brasileiras encontraram lugar nas terras chilenas, mas também a dos demais países latino-americanos, facilitando a reorganização e a relação de parte das esquerdas exiladas.

A partir dessa imagem, do Chile como lugar de possibilidade de rearranjo das lutas pela esquerda, o que a princípio teria sido uma derrota – o exílio – pôde ser transformado em uma experiência que abriria os horizontes da esquerda. Nas palavras de Rollemberg:

“O exílio, que a princípio foi derrota, perda, eliminação, afastamento, abriu outros horizontes para as esquerdas, colocando-as em contatos com realidades as mais diversas. No Chile, os exilados viram um movimento social, de massas, pela transformação, nas ruas, muito diferente do Brasil já mergulhado na ditadura. Nele

---

<sup>13</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>14</sup> ROLLEMBERG, Denise. “Memórias no exílio, memórias do exílio”. FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (Orgs.). *As Esquerdas no Brasil. Revolução e democracia (1964...)*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

atuaram, muitos exilados integrados a projetos do governo de Allende.” (ROLLEMBERG, 2007, p.11).

Não só no governo Allende, signo da esquerda na segunda metade do século XX. Freire foi convidado a fazer parte do governo de Eduardo Frei, tão logo havia chegado ao Chile. O trabalho que havia sido direcionado para Paulo Freire era no mesmo sentido daquele que produzia em terras brasileiras; de promover um “trabalho de educação popular, que tanto podia se dar ao nível da pós-alfabetização como da alfabetização também”<sup>15</sup>.

Trabalhou no Instituto de Desarrollo Agropecuario e no Instituto de Capacitación e Investigación em Reforma Agrária<sup>16</sup>. Os dois institutos deram uma dupla possibilidade à Paulo Freire: o primeiro é de participar ativamente do processo educativo de comunidades camponesas, de produzir materiais didáticos e de conhecer realidades educativas outras, para além do Brasil; o segundo, que será tratado mais detidamente no ponto sobre a importância do exílio para a consolidação de sua obra, que é a maturação das ideias e processos que a prática freireana sofreu a partir dessas experiências.

Assumir um cargo na burocracia estatal do governo Chile fez com que fosse minorada as questões relativas a instabilidade e insegurança, que costumeiramente são narradas em tempos de exílio<sup>17</sup>. O recomeço de Freire torna-se facilitado pela libertação das dificuldades de ordem técnico-burocrática. Estava empregado na estrutura do governo chileno e poderia, a partir disso, reconstruir sua trajetória profissional. Contudo, como bem lembra Rollemberg<sup>18</sup>, o exílio é aprendizado, ampliação de horizontes, mas também espaço de dor, sofrimento, perdas e luto. (p.13)

Freire<sup>19</sup> afirma que é equívoco pensar que o exílio é apenas negatividade. No entanto, não a nega. Já que a ordem material, de recursos possíveis para a manutenção da família estavam supridas, restaram aquelas de ordem subjetiva. Em *Pedagogia da Esperança*, Freire<sup>20</sup> alude a dificuldade de viver no exílio:

“É difícil viver o exílio. Esperar a carta que se extraviou, e notícias do fato que não se deu. Esperar às vezes gente certa que chega, às vezes, ir ao aeroporto simplesmente esperar, como se o verbo fosse intransitivo”.(FREIRE, 1997, p.17)

<sup>15</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1997.

<sup>16</sup> Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária.

<sup>17</sup> RAMA,  ngel. *Diario: 1974-1983*. Montevideo: Trilce, 2008

<sup>18</sup> ROLLEMBERG, Denise. “Memórias no exílio, memórias do exílio”. FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (Orgs.). *As Esquerdas no Brasil. Revolu o e democracia (1964...)*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civiliza o Brasileira, 2007

<sup>19</sup> FREIRE, Paulo e FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1985

<sup>20</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1997.

A espera que narra diz respeito ao reencontro da família, que só acontece no ano de 1965, já no Chile. Sobre as percepções familiares, a seção seguinte do ensaio é elucidativa. Contudo, importa mencionar, neste momento, que o exílio pode ser sinônimo de solidão, por mais que a nova realidade material suplante outras espécies de anseios.

A saudade de “casa”, palavra essa empregada em um sentido ampliado, fazendo referência ao país de origem também é recorrente. Em carta a Jacques Choncol e Maria Edy, casal de amigos chilenos em 1968<sup>21</sup> é possível observar essa narrativa. No ato da escrita da carta estaria fazendo quatro anos em que havia chegado ao Chile. Por isso, faz uma lembrança saudosa daquilo que havia deixado para trás, ainda no Brasil:

“Deixava o Recife, seus rios, suas pontes, suas ruas de nomes gostosos – Saudade – União – 7 pecados – rua das Creoulas, do Sol, da Aurora. Deixa o cheiro da terra e das gentes do trópico. Deixa os amigos, as vozes conhecidas. Deixa o Brasil. Trazia o Brasil” (Carta de Paulo Freire a Jacques Choncol e Maria Edy, 1968).

Nas palavras de Freire é possível perceber saudosismo do prosaico cotidiano pré-1964. Anuncia a saudade dos nomes das ruas e dos cheiros. Na mesma carta menciona a falta que sente do suco de pitanga, que não encontrara em novas terras. É perceptível também o rompimento de laços com os mais próximos, traço visível quando relembra que deixou os amigos no Brasil.

Seguindo na perspectiva de dureza do exílio, sobretudo pelo aspecto emocional, Freire demonstra, em entrevista<sup>22</sup> a Claudius Ceccon e Miguel Paiva, que a relação com a mãe só se tornava possível por meio de correspondências. Rememora que, quando não mantinha a frequência de enviar seus relatos, logo sua mãe perguntava se ele havia ficado rico; e por esta razão abandonaria a família, em tom de brincadeira. A questão vai além da falta da convivência física, mas também da impossibilidade do “adeus” nos casos de morte de familiares. Freire conta que a mãe faleceu com 85 anos, com ele ainda no exílio, e assim, afirma: “estou perdendo assim toda a minha família sem poder vê-los” (p.76).

Nota-se, portanto, a multiplicidade de sentimentos que é gerada a partir do exílio. No entanto, além da família que fica, há a família que vai, junto a Freire, e é a partir desta que se construirá a próximo seção do ensaio.

---

<sup>21</sup> A carta foi publicada em coluna na Folha de São Paulo, na íntegra, e pode ser acessada neste endereço: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/05/1887645-paulo-freire-e-a-saudade-que-ele-sentia-do-suco-de-pitanga.shtml>. Acessado em 22/11/2017.

<sup>22</sup> Entrevista realizada por Claudius Ceccon e Miguel Paiva, publicada na Pasquim, nº 462, com acesso disponível em: [http://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/anistia/anexos/paulofreire\\_anistiado-1.pdf](http://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/anistia/anexos/paulofreire_anistiado-1.pdf). Páginas 74-95.

## O exilado não é uma ilha: percepções familiares acerca do exílio

Os estudos dos exilados políticos têm como característica majoritária traçar o perfil e as experiências daqueles que sofreram ativamente a perseguição como retaliação a atitudes próprias em tempos anterior. Ocorre que os exilados não traçam suas trajetórias pessoais e profissionais de maneira individual. Nesse sentido, advogando uma perspectiva mais abrangente dos estudos sobre exilados, partimos da compreensão de Rollemberg<sup>23</sup> para trabalhar as influências e rupturas também na vida daqueles que acompanham os exilados. Nesta forma de compreensão:

“Exilado não foi exclusivamente aquele atingido pela repressão, perseguido diretamente por suas posições ou práticas políticas. Exilado foi também quem deixou o país recusando-se a viver sob uma ditadura. Exilados foram também homens, mulheres, adolescentes e crianças que partiram não devido às suas atividades, mas acompanhando seus maridos, esposas, pais e mães” (ROLLEMBERG, 2007, p.2)

Por essa corrente, esta seção dialoga com as narrativas empreendidas pelos familiares de Paulo Freire a fim de saber as suas próprias versões sobre as vivências no exílio.

Elza Freire, companheira de Freire até a sua morte em 1986, tem como ponto principal de sua narrativa sobre a saída do Brasil o fato de que já imaginava que não voltaria mais para as terras brasileiras. Afirmo que preferiu, mentalmente, trabalhar com a ideia de que “não existe daqui pra cá”<sup>24</sup>. Segundo ela, na idade que ela tinha, não havia muitas realizações a serem feitas, já tinha conquistado aquilo que havia almejado; portanto, partiu com uma tranquilidade para essa nova vida.

Elza afirma ainda que sua vida no Chile foi menos participativa nas atividades públicas do que foi no Brasil. Se no Brasil havia participado ativamente da aplicação do método educacional ao lado de Freire, sendo até antes mesmo de Freire educadora, preferiu ser dona de casa neste novo ambiente.

Nas suas memórias, há uma imagem positiva daquilo que construiu no Chile. Encarou como uma nova experiência de vida, de conhecer o outro, de viver o outro. Há uma narrativa de construção de imagem de que o exílio tivesse sido mais benéfico do que poderia imaginar; até por isso tenta justificar:

---

<sup>23</sup> ROLLEMBERG, Denise. “Memórias no exílio, memórias do exílio”. FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (Orgs.). *As Esquerdas no Brasil. Revolução e democracia (1964...)*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

<sup>24</sup> Relato de Elza Freire em setembro de 1977 sobre a ida para o Chile, a vida em novo país e as experiências vividas. Disponível em: [http://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/anistia/anexos/paulofreire\\_anistiado-1.pdf](http://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/anistia/anexos/paulofreire_anistiado-1.pdf). (Acessado em 23/11/2018).

“Talvez pelo fato de eu ter saído na idade em que saí, já havia uma consolidação da maneira de ser, de querer, de pensar, de encarar a vida. Pode ser que não tenha sido pela idade, mas talvez por temperamento meu, por resolvido que seja, pensado que seja, vivido que seja, à aquilo. Há talvez, uma solidificação da coisa. Os valores permaneceram, os mesmos valores, a mesma percepção da vida”. (Entrevista de Elza Freire, em 1977)

Ainda segundo Elza, o estranhamento inicial da chegada em um novo país foi atenuado pela boa recepção que o povo chileno havia com o brasileiro. “[...] o chileno recebia o brasileiro como um irmão; aquilo emitiu um bem-estar, uma segurança, uma troca de afetividade que suavizou muito a nossa saída do Brasil”.

O relato de Elza combina-se com o depoimento de José Maria Rabêlo, do Jornal Binômio, também exilado, sobre a chegada ao Chile. Diz que no Chile era local de muita solidariedade, em que as pessoas. “Tanta gente que ficou na minha casa, tanta gente que arrumava um lugar para sua família, ia arrumando hospital para o pessoal que chegava, os chilenos foram muito solidários comigo”<sup>25</sup>.

Os dois relatos atestam que havia uma rede de solidariedade que recebia e amparava aqueles que chegavam em condição do exílio. É, segundo Marques e Bringel<sup>26</sup> uma das características dos exílios do século XX, marcados pela complexidade e pelas redes formadas à nível transnacional.

Contudo, essa atmosfera positiva não é continuada na transferência da família para os Estados Unidos. Elza até afirma que preferia ter ficado no Chile, contudo, a proposta para o marido dar aula em Harvard era interessante; por isso, decidiram ir. Ainda que não tenha saudades amplas daquilo que vivera nos EUA, apresenta algum carinho pela juventude estadunidense que conheceu, alguns bons amigos, mas as referências não são tão avolumadas. Após esse ano trabalhando em Harvard – com a família seguindo seus passos – Paulo Freire seguiu para a Suíça, lugar no qual participaria do Conselho Mundial de Igrejas.

Lá, na Suíça, em momento em que dá a entrevista, sugere que a sua retomada no trabalho, sobretudo com alfabetização de africanos, é um trabalho mais próximo daquilo que praticara no Brasil.<sup>13</sup> É o primeiro momento em que se permite, e também é permitido, já que obtém do visto de trabalho, atuar e deixar a esfera doméstica.

---

<sup>25</sup> UCHÔA CAVALCANTI, Pedro Celso; RAMOS, Jovelino (orgs.). *Memórias do exílio: Brasil — (1964-19???) — De muitos caminhos*. São Paulo: Livraria Livramento, 1976. v.1, p.9. Entre os depoentes, Herbert de Souza, Marcio Moreira Alves, José Maria Rabêlo, Anina de Carvalho e Abdias do Nascimento.

<sup>26</sup> MARQUES, Teresa Cristina Schneider Marques; BRINGEL, Breno. *O exílio como ativismo transnacional na América Latina: padrões de ação política e redes (in)formais*. Paper apresentado no 10º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), Belo Horizonte, 2016.

Nota-se, em síntese, que a imagem construída dos tempos do exílio não é uma narrativa de tristeza e perdas. Por certo existem, mas não são anunciadas. Reforça-se o bom lugar que encontrou no Chile, alguma experiência positiva nos EUA e a esperança de contribuir para a educação de africanos na Suíça. A experiência do exílio é, como bem sabe, vivida de forma única a depender do contexto, das relações empreendidas e o lugar que ocupa na sociedade. No caso de Elza, as memórias reforçam os sentidos positivos dessa vivência.

Outros representantes do exílio em uma perspectiva ampliada são os filhos. Neste caso, é interessante tomar partido das percepções de Lutgardes Freire acerca do período fora do seu país. Em entrevista realizada pela UniFreire e Instituto Paulo Freire, disponibilizada em 2015<sup>28</sup>, Lutgardes narra o período em que esteve no Chile, Estados Unidos e Suíça.

Em primeiro momento afirma que, como era criança, com cinco anos de idade, tinha alguma dificuldade de entender todas as complicações que a vida de um perseguido político carrega. No tempo de prisão de Freire, ainda em Recife, Lutgardes perguntava à sua mãe aonde o seu pai estaria. Por sua vez, a mãe, de forma a minorar os sofrimentos do filho, afirmava que ele estava apenas viajando. Apenas anos depois, já no Chile, que o próprio Paulo Freire teria contado aos filhos sobre a sua prisão, novamente reforçando que fora preso pelos militares pela sua prática educacional.

Segundo Lutgardes, a adaptação ao Chile não foi das mais difíceis. “O Chile se aproxima mais da nossa cultura. O Chile é América Latina”. É uma interpretação próxima da que o próprio Paulo Freire faz no livro “Por uma Pedagogia da Pergunta”, em que diz, em diálogo com Faundez:

“O meu ponto de partida, o começo da minha experiência com cotidianidade diferente, se deu exatamente no teu Chile [Faundez é chileno], hoje meu também. Claro que de maneira muito menos dramática do que na Europa. Afinal, o Chile, apesar de ser um país um pouco europeizado, é América Latina em seu ser. (FREIRE e FAUNDEZ, 1985).

As maiores dificuldades surgiram, para ele, com a mudança para os Estados Unidos. Acompanhando seu pai, que viria a dar aulas em Harvard, Lutgardes teve dificuldades de adaptação ao cotidiano escolar. Seguiu para os EUA sem que falasse inglês, tendo que ser alfabetizado dentro da escola americana. Narra que esse choque cultural fez com que seu rendimento escolar fosse comprometido, incentivando a sua falta nas aulas, por exemplo. Além disso, dado o contexto histórico norte-americano, diz que o país passava por um período

---

<sup>28</sup> Entrevista realizada pela UNIFREIRE e o Instituto Paulo Freire e disponibilizada em vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=xYyAZeMNDYw> (Acesso em 12/02/2019)

histórico turbulento. Nesse momento, Lutgardes já com nove ou dez anos, sentia um clima de violência pela Guerra do Vietnã e também pelas manifestações de 1968. Ao fim da sua trajetória nos EUA, diz: “[...] a minha passagem pelos EUA foi muito difícil”.

Após onze meses em Harvard, Freire segue para a Suíça, tendo como atividade a participação no Conselho Mundial de Igrejas. Novamente, a rotina escolar de Lutgardes é alterada e os choques culturais são mais fortes. Em uma passagem da entrevista, Lutgardes afirma que, em diálogo com o pai, afirmou que não queria ir mais a escola naquele país. Sentia que a educação ali era para transformar pessoas em robôs. É, portanto, o choque da prática educativa de Paulo Freire, libertadora e emancipadora, atestada em “Por uma pedagogia do oprimido” e a formação educacional rígida proposta pelo modelo, então, suíço.

Nota-se, nesse sentido, que o exílio implica uma multiplicidade de reações possíveis. Não é apenas uma realidade que se altera. Alteram-se também as relações entre os familiares, como Lutgardes afirma que ocorreu. Na mesma entrevista relembra: “De certa forma eu sentia muita raiva do meu pai, por ter me tirado do meu país, mas ao mesmo tempo ele me oferecia uma vida fantástica”. A raiva nesse contexto faz parte do sentimento de não adequação ao novo local, ao sentimento de que ali não era a sua “casa”. É parte do sentimento de Rama<sup>29</sup>, em seus diários, sobre o período na Venezuela. Acresce-se a isso o fato de Lutgardes ser criança e passivo diante das mudanças da família. A experiência do exílio é marca fundamental na história de vida dos indivíduos.

Por fim, Lutgardes encerra dizendo que, por ter vivido a maior parte do seu período formativo fora do Brasil, não se considera totalmente brasileiro. Considera-se, portanto, cidadão do mundo. Este é um dos efeitos do exílio, o desenraizamento e a dificuldade de pertencimento a comunidade nacional, como bem mostra Rama<sup>30</sup>.

### **O peso intelectual do exílio: afetações em visões de mundo e lugares de produção**

É possível dividir em duas grandes categorias as influências sofridas na trajetória de Paulo Freire a partir da experiência do exílio: a primeira que chamaremos neste ensaio de “ganhos de visão”; e a outra chamaremos de face “material-produtiva”.

Na primeira inflexão, em *Pedagogia da Esperança*, Freire<sup>30</sup> afirma que a vivência no Chile foi de profundo aprendizado. Diz que foi a primeira vez em que se distanciava geograficamente do Brasil e isso permitiu que observasse a realidade brasileira a partir de duas

---

<sup>29</sup> RAMA, Ángel. *Diario: 1974-1983*. Montevideo: Trilce, 2008.

<sup>30</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1997.

perspectivas: a daquele que toma distância para bem analisar os fenômenos; e também aquela que permite enxergar os fenômenos a partir da realidade empírica chilena.

É o que Edward Said<sup>31</sup> conceitua como “consciência contrapontística”. Segundo ele, é a capacidade do exilado de relacionar várias realidades a partir dos dois pontos, a de origem e a de destino, de forma a ter uma visão simultânea em termos de padrões culturais e ideológicos. É uma ampliação dos horizontes de percepção, uma vez que consegue construir e desconstruir imagens, dos dois países, a partir da comparabilidade com o outro.

Outro ganho significativo associado ao “ganho de visão”, é o exercício da tolerância. Em *Por uma Pedagogia da Pergunta*, Freire<sup>32</sup> afirma que as experiências no Chile, EUA e, então, na Suíça construíram um indivíduo mais capaz de lidar com as especificidades de cada um. Em suas palavras, afirma:

“É formidável como fui aprendendo as regras do jogo, conscientemente, sem renunciar àquilo que me parecia fundamental, sem recusar o mais básico de mim mesmo e, por isso, sem me adaptar ao cotidiano de empréstimo. Assim, aprendi a lidar com o diferente que às vezes incomodava” (FREIRE, 1985, p.15).

Ainda segue anunciando casos cotidianos em que o diferente se apresentava diante de si. Em um desses casos, afirma que não foram raras as vezes em que “pondo minha mão afetivamente no ombro de alguém, tive-a, de repente, no ar, enquanto curvando-se, o corpo tocado recusava o contato do meu” (p.15).

Em síntese, Freire no exílio conseguiu acrescentar a sua formação humana – e também à prática educativa – uma maior atenção ao outro. Esta tornou-se expressão recorrente nos livros publicados, produção que teve crescimento especial nos anos de exílio, ressaltando a face “material-produtiva” do exílio.

Ao chegar no Chile e poder trabalhar efetivamente com projetos de educação em um contexto ampliado de mudança social, sobretudo reforma agrária, pôde reformar seu pensamento político pedagógico. O contexto chileno favorecia; o Chile era um país em que o espaço político e social apresentava certa efervescência, tornando-se lugar de acolhimento de muitos exilados de toda a América Latina. Nesse contexto, afirmam Gadotti e Abrão<sup>33</sup>:

“No Chile conseguiu aprimorar suas formulações, não só a partir do ponto de vista teórico, mas a partir da materialização de políticas públicas, no envolvimento com

---

<sup>31</sup> SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.59.

<sup>32</sup> FREIRE, Paulo e FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1985.

<sup>33</sup> GADOTTI, Moacir; ABRÃO, Paulo (org.). *Paulo Freire: anistiado político brasileiro*. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, Brasília/São Paulo, 2012.

movimentos populares, na alfabetização e na produção de suas principais obras, como “Pedagogia do Oprimido”(GADOTTI e ABRÃO, 2012)

Segundo o próprio Freire<sup>34</sup>, foi a partir da experiência da sociedade chilena e do seu período vivido naquele local que foi possível repensar a experiência brasileira, que não havia sido apagada da sua memória, de forma a tornar-se fundamental para a escrita de *Pedagogia do Oprimido*. (p.52).

Além das contribuições de ordem teórico-metodológica, há outra de ordem mais produtiva. Relegado ao exílio, numa espécie de “intelectual comprometido”<sup>13</sup> se permitido o uso do termo de Claudia Gilman<sup>35</sup>, sentia-se impelido a produzir seus escritos de modo mais sistemático para, no futuro, contribuir para a mudança de ordem total na sociedade, sobretudo brasileira.

Relembra, assim, em “*Pedagogia do Oprimido*”, que o exílio foi momento de intensa produtividade, especialmente no Chile. Em suas palavras, reforça: “*como escrevi nesse período! Cheguei até a contar, escrevi 1600 páginas em um ano e meio, manuscritas*” (p. 94). A tarefa de escritor incansável permitiu a Freire ocupar o vazio que havia deixado com a prática educativa nas regiões mais pobres de Recife e em outras partes do Nordeste. Contribuiu para a formação do seu arcabouço teórico e metodológico, ainda que as marcas negativas do exílio não possam ser minoradas.

## Conclusão

Freire faz parte do grupo de intelectuais que Ráma<sup>36</sup> narra como aqueles que tiveram a oportunidade de conhecer a América Latina, uma vez que, após o golpe em João Goulart, um:

“[...] grupo de intelectuais brasileiros [...] se distribuiu entre os países hispano-americanos, os quais estão agora em processo de reincorporação progressiva a vida brasileira. Foi uma experiência inédita, pois o Brasil vivia de costas à América Espanhola e esta, por sua vez, vivia entre a ignorância e o temor desse país que parecia tão grande e ameaçador nos mapas” (p.239)

É, portanto, a partir desse contato com a experiência próxima – e ao mesmo tempo distante -, que se consolida a obra de Paulo Freire. Ainda que o tom de sua obra seja sempre em

<sup>34</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1997.

<sup>35</sup> GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

<sup>36</sup> RAMA, Ángel. *La riesgosa navegación del escritor exiliado*. Montevideo: Arca, 1995.

sentido universalista, a luta contra o imperialismo e a vontade de reconstruir seu país, e aqueles à sua volta, em torno de uma proposta emancipatória e democrática é sempre presente.

No entanto, a fim de constatar o fenômeno do exílio para além dos efeitos teóricos e práticos na obra do intelectual, o presente ensaio trabalhou com o exílio a partir de uma compreensão múltipla.

O exílio é parte de um projeto de manutenção de poder e status quo, que marca estruturalmente a vida de quem parte do seu país. No ensaio, compreendemos ainda que o exilado não parte sozinho enquanto ativista político, mas também com a sua subjetividade, suas memórias, experiências e teias de relações, mais ou menos orgânicas. Para tal, empreendemos a análise a partir das próprias compreensões do exilado, as visões daqueles que o acompanharam e as repercussões nas suas obras; isso, no entanto, sem perder de vista o sentido do seu exílio: como uma tentativa de minar o projeto educativo emancipatório de Freire. Ainda que a implementação do método freireano careça de universalidade, hoje, a repercussão da produção de Freire nos diz o fracasso da estratégia de sufocamento de sua produção intelectual.

## **Referências bibliográficas:**

### **Livros**

FREIRE, Paulo e FAUNDEZ, Antonio. Por uma Pedagogia da Pergunta. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1985

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. Aprendendo com a própria história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir; ABRÃO, Paulo (org.). Paulo Freire: anistiado político brasileiro. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, Brasília/São Paulo, 2012.

GILMAN, Claudia. Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

RAMA, Ángel. “La riesgosa navegación del escritor exiliado”, La riesgosa navegación del escritor exiliado. Montevideo: Arca, 1995.

RAMA, Ángel. Diário: 1974-1983. Montevideo: Trilce, 2008.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.59.

## Capítulos de livros

FREIRE, Elza. Elza Freire, setembro de 1977. In: COSTA, Albertina de Oliveira et al. Memórias das Mulheres do Exílio. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. p. 200-206.

ROLLEMBERG, Denise. “Memórias no exílio, memórias do exílio”. FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (Orgs.). As Esquerdas no Brasil. Revolução e democracia (1964...). Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

UCHÔA CAVALCANTI, Pedro Celso; RAMOS, Jovelino (orgs.). Memórias do exílio: Brasil — (1964-19??) – De muitos caminhos. São Paulo: Livraria Livramento, 1976. v.1, p.9. Entre os depoentes, Herbert de Souza, Marcio Moreira Alves, José Maria Rabêlo, Anina de Carvalho e Abdias do Nascimento.

## Artigos

BOMENY, Helena e JOSIOWICZ, Alejandra. O exílio de Darcy Ribeiro e Ángel Rama: intelectuais, cultura e política na América Latina. Paper apresentado no 40º Encontro Anual da ANPOCS, 2016.

CRUZ, Fábio Lucas da. A história e as memórias do exílio brasileiro. Revista Catarinense de História, Florianópolis, n.20, p.115-137, 2012.

MARQUES, Teresa Cristina Schneider Marques; BRINGEL, Breno. O exílio como ativismo transnacional na América Latina: padrões de ação política e redes (in)formais. Paper apresentado no 10º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), Belo Horizonte, 2016.

RONIGER, Luis. Exílio Massivo, Inclusão e Exclusão Política no Século XX. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 53, no 1, pp. 91 a 123, 2010.

## Entrevistas

FREIRE, Lutgardes. Entrevista realizada pela UNIFREIRE e o Instituto Paulo Freire. Disponível em vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=xYyAZeMNDYw>

FREIRE, Paulo. Entrevista dada ao Jornal dos Professores em 1991 e reeditada pelo Sindicato dos Professores de São Paulo em 2000. Acesso em: <http://revistagiz.sinprosp.org.br/?p=1749>

FREIRE, Paulo. Entrevista realizada por Claudius Ceccon e Miguel Paiva, publicada na Pasquim, nº 462. Acesso disponível em: [http://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/anistia/anexos/paulofreire\\_anistiado-1.pdf](http://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/anistia/anexos/paulofreire_anistiado-1.pdf). Páginas 74-95.